

FUNDAMENTOS PARA AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR COMO ATO PEDAGÓGICO CONSTRUTIVO- INCLUSIVO NA PERSPECTIVA LUCKESIANA

Elias Bezerra de Souza ¹

RESUMO

Este texto aborda os fundamentos de uma avaliação inclusiva na perspectiva de Cipriano Carlos Luckesi, integrando elementos de uma filosofia indeterminista, uma pedagogia construtiva e um currículo aberto e flexível e acolhedor do currículo oculto. Luckesi propõe uma prática avaliativa que vai além da mera mensuração de resultados, entendendo a avaliação como um ato pedagógico investigativo construtivo que subsidia tomada de decisões no processo de ensino e aprendizagem e valoriza a formação integral do aluno. Ele defende a necessidade de articulação entre a avaliação e o Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI), reforçando que essa prática deve ser adaptativa, sensível às realidades, aos contextos e às limitações dos estudantes. O texto explora, ainda, a importância de recursos epistemológicos, operacionais e tecnológicos, que oferecem suporte à avaliação como um processo dinâmico e transformador, visando o desenvolvimento de um ambiente de ensino inclusivo e acolhedor, enfatizando o aspecto amoroso do ato de avaliar como fator que coloca a atitude docente como o fundamento dos fundamentos, para além dos demais. De cunho bibliográfico o estudo tem base teórica na perspectiva luckesiana de Pedagogia Construtiva tendo como base suas obras (2018; 2014; 2011, 2005 e 1995) aqui referendadas e referenciadas.

Palavras-chave: Avaliação da aprendizagem escolar, Ato pedagógico construtivo-inclusivo, Perspectiva luckesiana.

INTRODUÇÃO

No contexto educacional contemporâneo, a avaliação tem sido amplamente debatida, especialmente no que se refere a sua capacidade de incluir e promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

Cipriano Carlos Luckesi, um dos principais teóricos da avaliação crítica e construtiva, sugere que a avaliação deve ser entendida como um ato pedagógico inclusivo, orientado por princípios de uma filosofia indeterminista e de uma pedagogia construtiva.

¹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR, mestre em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, professor no Instituto Federal do Amazonas – IFAM, *campus* Lábrea – AM, elias.bezerra@ifam.edu.br.

Partindo dessa perspectiva, este texto examina a importância de um currículo aberto e flexível, que considere as influências do currículo oculto, bem como a articulação necessária entre a avaliação e o PPP ou PPPI para que a prática pedagógica seja efetiva e inclusiva.

Com ênfase em uma docência que acolhe e desafia o educando, este texto aponta a importância de integrar recursos epistemológicos, operacionais e tecnológicos para uma prática avaliativa crítica, proporcionando ao aluno não apenas conhecimento, mas também habilidades socioemocionais e um sentido profundo de pertencimento e autonomia, eliminando do processo avaliativo a possibilidade da exclusão por déficit de conhecimento, ampliando os caminhos para a inclusão.

2 FUNDAMENTOS PARA A AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Para o propósito deste texto tomou-se a perspectiva filosófica indeterminista, o entendimento de Pedagogia Construtiva de Cipriano Luckesi, necessidade de um currículo aberto e flexível e acolhedor do currículo oculto, a importância da articulação entre avaliação da aprendizagem escolar e Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI), ações pedagógicas planejadas e prática docente acolhedora.

2.1 Uma Filosofia Indeterminista

A filosofia indeterminista é um campo de estudo que desafia a ideia de que todos os eventos são determinados por causas anteriores, sugerindo que existem elementos de aleatoriedade e liberdade nas decisões humanas e nos acontecimentos do universo. Essa corrente filosófica se distingue do determinismo, que sustenta que, dadas as condições iniciais e as leis da natureza, o futuro é uma consequência inevitável do passado.

Um dos fundamentos centrais do indeterminismo é a noção de que o livre-arbítrio é uma realidade. Defensores dessa posição argumentam que, embora muitos aspectos da vida possam ser influenciados por fatores como genética, ambiente e educação, os seres humanos ainda têm a capacidade de fazer escolhas autônomas. Essa visão é frequentemente associada a teorias da mente que enfatizam a subjetividade e a agência individual, propondo que as decisões são moldadas por intenções, desejos e reflexões pessoais, e não apenas por causas externas.

Outro aspecto importante do indeterminismo se relaciona com as descobertas da física quântica. O princípio da incerteza de Heisenberg, por exemplo, sugere que, em

nível subatômico, existem eventos que não podem ser previstos com total precisão. Essa indeterminação na física abre espaço para uma reavaliação das noções tradicionais de causalidade, indicando que, mesmo nas interações mais fundamentais, a aleatoriedade pode desempenhar um papel significativo.

Em suma, a filosofia indeterminista propõe um quadro que integra liberdade, responsabilidade e uma compreensão mais complexa da causalidade. Ela convida a uma reflexão sobre o papel do ser humano no universo, enfatizando que, apesar das influências externas, ainda existe espaço para a autonomia e a criatividade nas decisões que moldam nossas vidas. Essa abordagem nos desafia a considerar a natureza da realidade e a profundidade da experiência humana, permitindo uma visão mais rica e pluralista do nosso lugar no cosmos.

O indeterminismo sugere que os indivíduos têm uma capacidade de tomar decisões que não estão rigidamente predestinadas por suas situações ou condicionamentos. Isso implica que as pessoas possam agir de maneira autônoma e fazer escolhas significativas.

Nessa acepção, a possibilidade da avaliação como ato pedagógico construtivo não coexiste com concepções filosóficas que concebem os sujeitos e nem o conhecimento como prontos e acabados. A acepção luckesiana (2011, p. 70) é de que “o ser humano não é dado pronto, mas, sim, que se desenvolve e se expressa ao longo do tempo histórico”, o que sugere a ideia do desenvolvimento humano existencial permanente, explicitando uma compreensão revolucionária, sobretudo no campo das ciências humanas, incluindo a educação.

2.2 Uma Perspectiva Pedagógica Construtiva

Na visão de Cipriano Luckesi (2011; 2018), o entendimento de Pedagogia Construtiva está centrado na ideia de que a educação deve promover um processo de construção ativa do conhecimento pelo estudante, onde ele participa de forma engajada e reflexiva. Influenciado por teorias construtivistas e pela perspectiva crítica, Luckesi defende que o aprendizado não ocorre por mera transmissão de conteúdo, mas sim pelo envolvimento do estudante na construção do seu próprio saber, tendo condições para explorar, questionar, descobrir, desenvolver autonomia e capacidade crítica.

Pedagogia Construtiva, na acepção luckesiana, não deve ser confundida a perspectiva construtivista de Piaget. Luckesi (2011, p. 72) explica que: “O termo ‘construtivista’ está vinculado à pedagogia decorrente dos estudos e pesquisas do

professor Jean Piaget, enquanto o termo ‘construtiva’ está livre de uma conotação teórica deste ou daquele autor”. Esse entendimento “nos permite produzir novas sínteses, incorporando integralmente contribuições de diversos pesquisadores que abordem o ser humano como um ‘ser a caminho’, um sem ‘em travessia’ como diria Guimarães Rosa” (loc. cit.).

Entre as perspectivas pedagógicas formuladas com viés construtivo – que compreende o educando como um ser em desenvolvimento - Luckesi (2911, p. 72) aponta as Pedagogias de: Maria Montessori (Itália), John Dewey (Estados Unidos), Alfredo Ferrière (França). No Brasil destaca: Pioneiros da Educação, Lauro de Oliveira Lima, Paulo Freire, Dermeval Saviani, e José Carlos Libâneo. O que essas pedagogias têm em comum é a compreensão do ser humano indeterminado, “voltado para a frente, para o desenvolvimento, em busca da autoconstrução e da autorrealização” (op. cit., p. 73). É esse olhar que confere a elas a sustentação de uma prática pedagógica construtiva, tornando a aprendizagem algo não dado, mas construído.

O entendimento da perspectiva pedagógica construtiva Luckesi traz da teoria da Biossíntese de David Boadella na obra “Correntes da vida: uma introdução à Biossíntese” (1992) conforme a qual o ser humano se desenvolve segundo dois princípios: um formativo e outro organizativo. O princípio formativo traz como entendimento “o fato de que todo ser humano ser formado seguindo uma direção do simples para o complexo, à semelhança do que ocorre em tudo na natureza”, enquanto o princípio organizativo segue o raciocínio de que “nos formamos sozinhos, mas sim em nossa relação com o meio e com outras pessoas” (p. 74-75). Isso quer dizer que num sistema aberto, a exemplo da mente humana, nada está pronto e acabado, mas em desenvolvimento, em marcha para a frente, indeterminado.

Nessa acepção, no contexto da educação, o aluno é o próprio sujeito do princípio formativo, é ele que se coloca no início do seu percurso de formação e constituição permanente da sua existência, partindo de situações menos complexas e avançando permanentemente para as mais complexas. Ao adulto corresponde o princípio organizativo, indicando caminhos e alertando para o perigo dos descaminhos, mostrando possibilidades e aguçando a reflexão de quem pretende ajudar. É nesse sentido que Luckesi esclarece: “O ser humano chega ao mundo com as condições de desenvolvimento, mas, para este ocorrer, necessita de cuidados, que são de responsabilidade do adulto que com ele convive” (op. cit., p. 78).

2.3 Currículo Aberto e Flexível e Acolhedor do Currículo Oculto

Luckesi (2014, p. 113), buscando um caminho para aproximar-se da qualidade plena da aprendizagem dos educandos, indaga: “como conseguir essa qualidade da aprendizagem por parte de todos os estudantes [...] se nossas escolas funcionam com um currículo estabelecido, dentro de uma carga horária fechada?”. Vemos a instituição de um currículo aberto e flexível e que acolha o currículo oculto como possibilidade.

Um currículo aberto e flexível, que acolhe as influências do currículo oculto, é uma abordagem educacional que se distancia de estruturas rígidas, predefinidas e, portanto, deterministas, oferecendo espaço para que o processo de ensino-aprendizagem seja personalizado, responsivo e sensível aos contextos sociais e culturais dos estudantes. Esse modelo não apenas adapta conteúdos e metodologias, mas também valoriza as interações e os valores implícitos que impactam a experiência escolar, criando um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e acolhedor. É caracterizado pela possibilidade de explorar temas e conteúdos além do plano formal, permitindo que educadores e alunos introduzam temas emergentes, interesses pessoais e novas perspectivas no processo educativo, além de acolher a participação ativa dos alunos, incentivando-os a trazer suas vivências para a sala de aula, e proporcionando um espaço onde o conhecimento é construído em conjunto.

A possibilidade do currículo aberto permite que o professor adapte conteúdos para que estejam alinhados às realidades dos alunos, oferecendo um aprendizado dinâmico e significativo, que enriquece o desenvolvimento pessoal e a cidadania crítica.

Por outro lado, o currículo flexível possibilita a adaptação da estrutura curricular formal para melhor atender à diversidade dos alunos e das realidades institucionais, permitindo ajustar conteúdos, tempos e métodos pedagógicos conforme as necessidades de cada contexto, respeitando diretrizes educacionais gerais. Isso pode incluir a adaptação da carga horária de determinadas disciplinas, o uso de diferentes abordagens pedagógicas e a implementação de estratégias avaliativas variadas, tornando-se mais inclusivo.

Em outra dimensão, o currículo oculto desempenha um papel essencial na formação dos estudantes, acolhendo valores, normas e expectativas que, embora não estejam formalmente registrados, são transmitidos implicitamente nas interações cotidianas e práticas escolares. Ao acolher o currículo oculto, o educador reconhece e

reflete sobre as mensagens não ditas que a escola transmite, buscando criar um ambiente que valorize a diversidade, a empatia e a inclusão.

A implementação de um currículo aberto e flexível que acolha o currículo oculto permite uma educação mais inclusiva, sensível e formativa. Esse modelo se alinha com a missão de uma educação que forme cidadãos capazes de atuar de maneira responsável e empática na sociedade, valorizando e respeitando as diferenças.

2.4 Articulação e Flexibilidade Entre Avaliação da Aprendizagem e Político Pedagógico ou Projeto Político Pedagógico Institucional

O entendimento de Luckesi (2005, p. 59) é de que “A avaliação, seja em que nível for ou em que âmbito profissional for [...] está sempre a serviço de um projeto, de uma concepção teórica”. Mas o “está a serviço” não pode ser uma camisa de força. É fundamental que o avaliador siga por caminhos construtivos, sempre que constar que o projeto a que serve é puramente reprodutivo.

A articulação flexível entre a avaliação da aprendizagem e o Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) é essencial para alinhar as práticas pedagógicas às diretrizes, princípios e objetivos educacionais definidos pela instituição, com flexibilidade e abertura para o emergente. Nesse caso, o PPP/PPPI estabelece as bases para uma educação integral, inclusiva e significativa, e a avaliação atua como uma ferramenta para monitorar e adaptar as práticas pedagógicas conforme necessário. A flexibilidade é um fator-chave nesse processo, pois permite que a avaliação seja constantemente ajustada para refletir as realidades da escola e as necessidades dos estudantes, promovendo uma educação dinâmica e contextualizada.

A avaliação, quando flexível, contribui como um diagnóstico contínuo para o próprio PPP/PPPI. Com base nos resultados avaliativos, a instituição pode verificar se os objetivos educacionais estão sendo alcançados ou se é necessário fazer ajustes no projeto político pedagógico. Esse processo de retroalimentação permite que o PPP/PPPI permaneça relevante e adaptado à realidade dos estudantes, integrando estratégias e ações que realmente promovam o aprendizado e o desenvolvimento integral dos alunos.

A flexibilidade na articulação entre avaliação e PPP/PPPI contribui para o desenvolvimento de uma cultura avaliativa que valorize o aprendizado como um processo contínuo. Nessa perspectiva, a avaliação vai além da mensuração de resultados e se transforma em um processo inclusivo e formativo, capaz de promover o desenvolvimento integral dos estudantes. Uma cultura avaliativa flexível, alinhada ao PPP/PPPI, permite

que as práticas avaliativas sejam sensíveis às diferenças individuais e que respeitem o tempo e o ritmo de cada aluno, contribuindo para a criação de um ambiente educacional que valorize a diversidade e a inclusão.

A articulação e flexibilidade entre a avaliação da aprendizagem e o PPP/PPPI fortalecem a qualidade e a coerência do processo pedagógico, promovendo um ambiente educacional mais inclusivo, dinâmico e adaptado às necessidades dos estudantes. Essa integração transforma a avaliação em uma ferramenta não apenas de mensuração, mas de construção do conhecimento e da cidadania, enquanto o PPP/PPPI se adapta continuamente para garantir que a educação oferecida seja relevante e significativa.

2.5 Ações Pedagógicas Planejadas

A relação entre ação pedagógica planejada, executada e avaliada é essencial para uma educação eficaz, significativa e inclusiva. Essa sequência reflete um ciclo contínuo que permite ao educador construir, ajustar e melhorar suas práticas de ensino com o objetivo de atender às necessidades e potencialidades dos estudantes. Cada uma dessas etapas tem uma função específica, mas é o vínculo entre elas que sustenta um processo pedagógico coeso e adaptativo, levando à formação integral dos alunos.

Um planejamento cuidadoso permite antecipar dificuldades, identificar recursos necessários e garantir que a aula seja estruturada de maneira lógica e coerente. Sem planejamento, as ações pedagógicas tendem a ser improvisadas, o que pode comprometer a qualidade do ensino, o desenvolvimento dos alunos e a consequente exclusão destes.

Não menos é a execução, etapa em que o planejamento se materializa na prática. Nessa fase, o professor coloca em ação as estratégias definidas, promovendo o aprendizado por meio de métodos que envolvem e motivam os alunos. Durante a execução, é importante que o professor esteja atento às dinâmicas da sala de aula e às respostas dos alunos, fazendo ajustes conforme necessário para garantir que o conteúdo seja compreendido e que todos estejam acompanhando o ritmo. A execução eficaz depende da flexibilidade do professor para adaptar o planejamento, integrando novas abordagens quando identifica que algo precisa ser ajustado para melhorar o aprendizado.

A avaliação completa (ainda que provisoriamente) o ciclo do ato pedagógico, permitindo ao professor verificar se os objetivos definidos foram alcançados e refletir sobre a eficácia das estratégias utilizadas. Com base nos resultados da avaliação, o professor pode identificar áreas que precisam de reforço, ajustar métodos de ensino e, se necessário, rever o planejamento para futuras aulas. Assim, a avaliação fomenta uma

reflexão contínua sobre a prática pedagógica, promovendo uma melhoria constante e fomentando a inclusão.

A importância da relação entre planejamento, execução e avaliação está na criação de um ciclo pedagógico dinâmico, onde cada etapa influencia a outra de maneira construtiva. Quando essas três ações estão bem alinhadas, a educação torna-se um processo mais eficaz e adaptado ao contexto e às particularidades dos alunos, proporcionando uma experiência de aprendizado significativa. Esse ciclo também incentiva o professor a desenvolver uma prática pedagógica reflexiva, onde ele pode aperfeiçoar continuamente suas estratégias e recursos, respondendo de forma eficaz aos desafios que surgem em sala de aula.

2.6 Recursos Epistemológicos, Operacionais e Tecnológicos para uma Prática Crítica e Construtiva da Avaliação da Aprendizagem na Escola

Tratando sobre “Recursos para uma prática crítica e construtiva da avaliação da Aprendizagem na escola”, Luckesi (2005, p. 87 a 104) destaca o papel fundamental dos instrumentos para coleta de dados em todos os seus aspectos, ao que acrescentamos aqui o fundamento epistemológico e os recursos tecnológicos.

Os recursos epistemológicos, operacionais e tecnológicos são fundamentais para a construção de uma prática avaliativa crítica e construtiva na escola. Eles oferecem uma base teórica, metodológica e instrumental para que a avaliação vá além da simples medição de resultados, tornando-se uma ferramenta de apoio ao aprendizado e de desenvolvimento integral dos estudantes.

Os recursos epistemológicos referem-se ao conjunto de conhecimentos teóricos e às concepções filosóficas que fundamentam a prática pedagógica e avaliativa. Em uma avaliação crítica e construtiva, é essencial que a escola e os educadores tenham clareza sobre suas concepções de conhecimento, aprendizagem e desenvolvimento humano. Isso implica adotar uma visão de avaliação como um processo formativo e contínuo, em que o erro é visto como parte do aprendizado e o estudante é valorizado como protagonista no processo de construção do conhecimento.

A prática avaliativa, fundamentada epistemologicamente, considera as teorias construtivistas e sociointeracionistas, que veem o conhecimento como algo que é construído em interação com o ambiente e com os outros. Esses referenciais ajudam a orientar a avaliação como um processo de diagnóstico, acompanhamento e orientação, no

qual o foco está no desenvolvimento das habilidades críticas, reflexivas e criativas dos alunos.

Os recursos operacionais são as metodologias, estratégias e instrumentos que permitem que a avaliação seja realizada de forma prática e eficaz. Para que a avaliação seja crítica e construtiva, é importante que esses recursos operacionais sejam, além de adequados, variados e flexíveis, contemplando diferentes formas de expressão e estilos de aprendizagem dos alunos.

Alguns exemplos de recursos operacionais incluem:

- **Portfólios:** Permitem que os alunos colem e apresentem evidências de seu aprendizado ao longo do tempo, promovendo a reflexão e a autoavaliação.
- **Autoavaliação e Avaliação entre Pares:** Incentivam a autonomia e o senso de responsabilidade dos alunos, ao mesmo tempo que promovem a crítica construtiva e a colaboração.
- **Projetos e Trabalhos em Grupo:** Oferecem uma abordagem prática e contextualizada para que os alunos desenvolvam habilidades colaborativas e aplicadas.
- **Rubricas e Critérios Claros:** Instrumentos que definem os critérios de avaliação de forma transparente e acessível, ajudando os alunos a entenderem o que é esperado deles e onde podem melhorar.

Esses recursos operacionais possibilitam uma avaliação diversificada e contínua, que acompanha o processo de aprendizagem do aluno e oferece feedbacks formativos, focados em seu desenvolvimento e progresso.

Os recursos tecnológicos têm transformado a avaliação escolar, tornando-a mais acessível, interativa e adaptativa. A tecnologia permite que a avaliação seja aplicada de forma mais dinâmica, com feedback em tempo real, e oferece novas formas de acompanhamento do aprendizado. Com o uso de plataformas digitais e softwares educacionais, é possível personalizar a avaliação de acordo com o ritmo e as necessidades individuais dos alunos. Alguns exemplos de recursos tecnológicos incluem:

- **Plataformas de Aprendizagem e Avaliação Online:** Como Google Classroom, Moodle e Kahoot, que permitem a criação e o acompanhamento de atividades avaliativas de forma prática e interativa.
- **Ferramentas de Análise de Dados:** Que ajudam os professores a monitorar o desempenho dos alunos, identificar padrões de dificuldade e adaptar o ensino de acordo com os resultados.

- **Aplicativos de Feedback Instantâneo:** Como formulários online ou quizzes interativos, que permitem aos alunos receberem feedback imediato sobre seu desempenho, favorecendo o aprendizado contínuo.
- **Simulações e Jogos Educacionais:** Tecnologias que envolvem os alunos em atividades práticas e experimentais, oferecendo uma experiência de aprendizado contextualizada e envolvente.

Os recursos tecnológicos, ao serem integrados com os epistemológicos e operacionais, ampliam as possibilidades de uma avaliação crítica e construtiva, promovendo uma prática que seja não apenas informativa, mas também transformadora para o aprendizado, favorecendo o processo inclusivo.

A combinação de recursos epistemológicos, operacionais e tecnológicos permite que a avaliação da aprendizagem na escola seja um processo mais completo e significativo. Fundamentada teoricamente, operacionalizada por estratégias flexíveis e potencializada pela tecnologia, a avaliação pode cumprir seu papel de apoiar o desenvolvimento integral dos alunos. Esse conjunto de recursos transforma a avaliação em uma prática que valoriza a diversidade, incentiva o protagonismo e fornece informações úteis para o aprimoramento contínuo do ensino, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e reflexivos.

2.7 Para Além de Tudo: uma docência acolhedora

Ao tratar sobre a avaliação educacional para além do autoritarismo, Luckesi (1995, p. 42-3) explicou que “não basta entender que é necessária uma nova pedagogia nem basta entender que é necessária mudança nos rumos da prática da avaliação”. Para além disso, “Torna-se fundamental que, na medida mesma em que se venha processar estes novos entendimentos, novas formas de conduta sejam manifestações desses acontecimentos”. A docência acolhedora é o fundamento de conduta que se coloca para além dos demais, incluindo o ato de avaliar a aprendizagem, como ato amoroso, considerando este como “aquele que acolhe a situação, na sua verdade (como ela é)” (p. 171). Nessa perspectiva, o autor define a avaliação como um ato amoroso, no sentido de ser acolhedor, integrativo e inclusivo.

Assim, para além de uma filosofia indeterminista que valoriza a liberdade e a autonomia, de uma perspectiva pedagógica construtiva que coloca o aluno como protagonista de sua própria aprendizagem, de um currículo aberto, flexível e acolhedor do currículo oculto, de uma articulação cuidadosa entre avaliação da aprendizagem e o

Projeto Político Pedagógico (PPP) ou Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI), e de ações pedagógicas planejadas e organizadas, está a docência que acolhe, nutre, sustenta e confronta o educando.

Nessa direção, Luckesi defende que o papel do educador é fundamentalmente o de mediador de processos e construtor de condições para que o educando explore, questione, critique e construa o próprio saber. Isso significa que, para além das técnicas e teorias, a docência deve ser uma prática que acolhe o aluno em suas particularidades, compreendendo-o como um ser em constante processo de transformação. Acolher o aluno é reconhecer suas necessidades, seus sonhos, suas potencialidades e suas limitações, e isso implica um compromisso profundo com o desenvolvimento integral e humano.

Uma docência acolhedora, na perspectiva de Luckesi, é também uma prática que nutre, que oferece o apoio e os recursos necessários para que o aluno se sinta seguro para experimentar, errar, acertar e evoluir. Nutrir, nesse sentido, é fornecer não apenas o conhecimento teórico, mas também as condições emocionais e sociais para que o aluno se reconheça parte de uma comunidade de aprendizado.

Sustentar o educando é dar-lhe o suporte necessário para enfrentar os desafios que o processo de aprendizagem naturalmente impõe. Esse sustento, segundo Luckesi, vai além do conteúdo formal e envolve uma postura ativa do professor em apoiar o aluno a superar suas dificuldades e inseguranças, fortalecendo-o em sua trajetória. Nesse sentido, o educador age como um guia que, ao sustentar, permite que o aluno avance de forma segura, sabendo que tem o apoio necessário para se desenvolver e construir seu próprio caminho.

Por fim, uma docência acolhedora deve ser uma prática que confronta, que questiona e desafia o aluno a ir além do que ele acredita ser capaz. Para Luckesi, confrontar não significa impor ou desvalorizar o aluno, mas estimulá-lo a refletir criticamente, a questionar suas próprias ideias e a expandir seus limites. Esse confronto é, na verdade, um convite ao crescimento, pois oferece ao aluno a oportunidade de se desenvolver plenamente, reconhecendo-se como um sujeito ativo e responsável pela própria aprendizagem.

Assim, a docência que acolhe, nutre, sustenta e confronta é, na visão de Luckesi, uma prática profundamente humana e dialógica, não limitada a técnicas ou teorias, mas também orientada por uma ética do cuidado e do compromisso com a formação integral do educando.

Essa prática educativa vai, portanto, para além de tudo: é uma docência que enxerga a educação como um processo vivo e inclusivo, em que o professor e o aluno caminham juntos, em uma relação de respeito, apoio e estímulo ao desenvolvimento contínuo. É essa docência acolhedora, sensível e ativa que Cipriano Luckesi propõe como a chave para uma educação que realmente transforma, que prepara o indivíduo não apenas para o conhecimento, mas para uma vida plena e consciente de seu papel no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS NÃO CONCLUSIVAS

O estudo dos fundamentos da avaliação inclusiva segundo Luckesi revela a relevância de uma prática avaliativa que se articula com uma concepção pedagógica acolhedora e construtiva. A avaliação, quando alinhada a um PPP/PPPI flexível e a uma visão ampla de currículo, ultrapassa a mensuração de resultados e torna-se uma ferramenta de apoio ao desenvolvimento integral do aluno.

A abordagem de Luckesi reforça que uma avaliação inclusiva e transformadora é sustentada por recursos epistemológicos que promovem o autoconhecimento e a criticidade, operacionais que viabilizam práticas diversificadas e contextualizadas, e tecnológicos que facilitam a adaptação às diferentes necessidades dos estudantes.

Ao adotar esses princípios, a prática pedagógica contribui para uma formação mais completa, que valoriza a autonomia, a diversidade e a construção coletiva do conhecimento, preparando o aluno para ser um cidadão ético e consciente de seu papel na sociedade, inclusive na construção da sua própria autonomia.

REFERÊNCIAS

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação em educação: questões epistemológicas e práticas.** São Paulo: Cortez, 2018.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Sobre notas escolares: distorções e possibilidades.** São Paulo: Cortez, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem componente do ato pedagógico.** – 1. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem na escola: reelaborando conceitos e recriando a prática.** – 2. Ed. Ver. – Salvador: Malabares Comunicações e Eventos, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem escolar.** – 2. Ed. – São Paulo: Cortez, 1995.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.